

publicação on-line

# INventaMUSEU

Revista da Secção de Inventário

[www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt)

01

2015

Escultura

CRUZ RELICÁRIO





publicação on-line

# INventaMUSEU

Revista da Secção de Inventário

[www.museudelamego.pt](http://www.museudelamego.pt)

01

2015

Escultura

CRUZ RELICÁRIO



# Ficha Técnica

INventa MUSEU | Revista da Secção de Inventário

DIREÇÃO EDITORIAL

Luís Sebastian

TEXTOS

Georgina Pinto Pessoa

Luís Sebastian

CRÉDITOS FOTOGRÁFICOS

Alexandra Pessoa

José Pessoa

TRADUÇÃO

Padre Paulino Castro

DESIGN E COMPOSIÇÃO

Luís Sebastian

Paula Pinto

COMUNICAÇÃO

Patrícia Brás

EDIÇÃO

Museu de Lamego | Direção Regional de Cultura do Norte

DATA DE EDIÇÃO

janeiro de 2015

ISSN

2183-4482

Os conteúdos dos textos, direitos de imagem e opção ortográfica são da responsabilidade dos autores.

# Índice

05 EDITORIAL  
Luís Sebastian

07 SECÇÃO DE INVENTÁRIO DO MUSEU DE LAMEGO  
Georgina Pinto Pessoa

10 CRUZ RELICÁRIO  
Georgina Pinto Pessoa

ANEXOS



Desde 2013, com a criação da página eletrónica do Museu de Lamego, que se estabeleceu como uma das nossas prioridades o desenvolvimento de um programa de publicações, sobretudo alicerçado na divulgação *on-line*, alargada e gratuita, ainda que pontualmente complementado com publicações impressas.

É assim que em 2013 é publicada digitalmente a obra “Espaço, Poder e Memória: A Catedral de Lamego, Séculos XII a XX”, à qual se juntou ainda no mesmo ano o catálogo da exposição “Caminhos do Ferro e da Prata”, este excecionalmente em suporte impresso. A estes seguir-se-iam já em 2014 os catálogos das exposições “A Sé de Lamego no Museu” e “Viagem ao Oriente”.

Em termos de publicações periódicas, à já preexistente newsletter mensal intitulada “Apontamentos”, afeta ao Serviço de Comunicação, juntaram-se outras publicações periódicas como as atas anuais das “Conferências do Museu de Lamego” e, já em 2014, a revista do projeto de *fundraising* “Conhecer Conservar Valorizar”, premiado em 2012 pelos prémios da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) na categoria de Conservação e Restauro.

É nesta continuidade que agora lançamos a revista **INventa MUSEU**, como ferramenta privilegiada de comunicação para o exterior do trabalho desenvolvido pela Secção de Inventário do Museu de Lamego.

Considerando que o contínuo trabalho de inventário envolve o registo e estudo de um universo quase ilimitado nas suas variantes, alternando o seu ritmo consoante a natureza e complexidade de cada bem inventariado, consideramos que quer a periodicidade quer o formato desta revista deveria deixar transparecer essa mesma realidade.

Assim, a revista **INventa MUSEU** não contará com uma periodicidade fixa, mas variável, consoante o interesse decidido no estudo e publicação isolada de cada bem inventariado, tal como o seu formato variará entre o vertical e o horizontal, consoante o formato do bem em estudo.

Luís Sebastian  
Diretor do Museu de Lamego



# SECÇÃO DE INVENTÁRIO do Museu de Lamego

## Inventário: pilar da atividade museográfica/museológica

A ação da secção de Inventário do Museu de Lamego desenvolve-se no âmbito da política museológica e da missão assumida pela Instituição e respetiva tutela, dando cumprimento ao presente na Lei nº 47 / 2004 (lei Quadro dos Museus), na sua SECÇÃO IV - Inventário e documentação (Artigos: 15º - 26º) e na observação dos princípios das Normas Gerais de Inventário, numa prática orientada por três vetores essenciais:

- 1 - Registo / inventário de aquisições, doações, legados.
- 2 - Revisão do acervo do Museu já inventariado.
- 3 - Registo / inventário / conservação de coleções de interesse histórico, cultural e artístico de foro privado.

A ação de inventário do espólio do museu, quer na maioria das peças já inventariadas que vão sendo atualizadas, quer no que concerne às resultantes de recentes doações ou legados, implica a documentação fotográfica das peças - no espectro visível e invisível - e o estudo iconográfico / iconológico das mesmas, no sentido de avaliar o seu estado de conservação e melhor compreender as suas características formais, os

seus contextos e os seus significados, facultando aos investigadores, à comunidade e ao público em geral, um melhor conhecimento das coleções e o acesso a uma informação com o maior conteúdo e rigor possível.

Além do arrolamento no Livro de Tombo da Instituição, foram preenchidas ou atualizadas as respetivas fichas monográficas em suporte digital - base de dados MATRIZ; permitindo a publicação *on line* de uma percentagem significativa do seu espólio.

Um importante aspeto resultante da ação da Secção de Inventário foi o tratamento e salvaguarda de importantes coleções privadas que se encontravam no esquecimento ou / e em precárias condições de conservação e por isso em risco de degradação e de perda.

O tratamento destas coleções e o estudo de que foram objeto conduziu à produção de relevante informação, à organização e montagem de exposições temáticas, permitindo uma maior divulgação destes acervos, o reforço dos elos da instituição com outras entidades ou colecionadores privados, com os seus públicos e com a comunidade e a afirmação do seu papel enquanto instituição científica, agente de cultura e de formação.

A elaboração dos respetivos catálogos colmatou o carácter efémero das exposições temporárias, contribuindo para o enriquecimento dos temas tratados e para a sua permanente acessibilidade, tornando-se num constante e novo ponto de partida, para novos olhares, novas pesquisas e mais conhecimento.

O inventário é um documento fundamental na abordagem dos objetos e das coleções, a partir do qual se definem e desenvolvem as tarefas de conservação, estudo e divulgação em permanente construção.

É também um instrumento primordial quer como garante da posse jurídica e da preservação da informação, em caso de roubo ou catástrofe, quer como princípio metodológico e prática, imprescindíveis para assegurar uma gestão eficiente e integrada na missão e objetivos institucionais.

Hoje indissociável dos atuais sistemas de produção e de informação, ambos, constituem o pilar que produz, regista, guarda e disponibiliza informação relativa aos acervos ou coleções públicas ou privadas, que constituem a cultura material da qual somos guardiões e construtores, a quem cabe preservar e valorizar, numa ética referencial de respeito e integridade, cientes da responsabilidade de quem é simultaneamente o guardião do passado e o construtor do futuro.

Abrimos no site do Museu um espaço de divulgação e de partilha da atividade da Secção de Inventário onde o objeto se assume simultaneamente como uma entidade, individual, única e universal e o arquivo de uma realidade complexa e plural, poliedro de múltiplas faces, ponto de partida e de chegada de um diálogo que se quer mais uma ponte entre a Instituição e o Público.



## CRUZ RELICÁRIO

*Autor* Desconhecido *Produção* Indo-portuguesa *Matéria* Madeira, madrepérola, tinta-da-china, vidro, têxtil, pedra *Dimensões* Alt. 88 cm; a. cruz c/ espigão 67,2 cm; peanha 24 cm Larg. 34,8 cm; peanha 28,5 cm; Esp.: cruz 2 cm; peanha 16,2 cm; P: 3297 g *Datação* Séc. XVII / XVIII *Proveniência* Sé de Lamego *Inv.* 765

# CRUZ RELICÁRIO

Georgina Pinto Pessoa  
Museu de Lamego

## DESCRIÇÃO

Cruz relicário Indo-portuguesa. Estrutura em madeira (oliveira?) revestida de placas e incrustações em madrepérola, ornada de elementos iconográficos cristológicos, marianos e vegetalistas, relevados e incisos, pintados a tinta-da-china.

A cruz de tipologia latina, secção retangular, hastes trilobadas, apresenta no anverso reentrâncias centrais, de configuração circular ou alongadas e ovaladas, algumas ainda cobertas por vidraça, onde se alojam pequenas relíquias pétreas. Resplendor quadrangular na interseção das hastes.

Encaixa por espigão em base alteada de formato trapezoidal, recortado em chaveta, assente em três pés cilíndricos dispostos longitudinalmente, apresentando o do meio a cruz de Jerusalém.

A base tem ao centro, alvéolo reentrante recortado em alfiz, de intradorso chanfrado. Contém elemento de configuração prismática, constituído por pequenas e irregulares placas em madrepérola, coladas e justapostas, definido por fina moldura de duplo friso, sendo o interior ornado de tracejado oblíquo de cor alternadamente verde e tijolo, idêntico ao que



| 1 | Cruz relicário - Face frontal.



contorna o alvéolo. Apresenta iconografia relevada, com representação da Ressurreição de Cristo. Está ladeado por relíquias similares às das hastes, que assentam sobre superfície pintada, verificando-se a ausência de algumas. De registar a presença de fino têxtil de cor grená no alvéolo do braço inferior da cruz, sobre o qual assentam as relíquias.

A face posterior da base apresenta-se sem qualquer tratamento, possuindo porta com pequeno fecho de madeira.

Ausência de vários elementos do revestimento em madrepérola.

## ICONOGRAFIA

A execução, algo fruste, supera-se na riqueza da conceção iconográfica de grande conteúdo simbólico, onde se conjugam elementos cristológicos e marianos, e no carácter ornamental conferido pelo dinâmico recorte da estrutura e pela aplicação de placas ou incrustações de madrepérola, onde se gravaram os elementos iconográficos temáticos, estrategicamente colocados de acordo com a hierarquia da Igreja, enquadrados por querubins e uma profusão de quadrifólios, flores e folhas de acantos que revestem toda a superfície.

A face frontal (base) apresenta como elemento central, em nicho reentrante, ao qual não é alheia a ideia da Arca da Aliança (símbolo da presença de Deus na terra) em imagem relevada, a representação da Ressurreição de Cristo. Um anjo ergue a tampa do túmulo de Jesus, que se eleva envolto em luz, nas suas vestes esvoaçantes, sustentando o lábaro da Ressurreição, perante o espanto de Nicodemos. À sua volta, em plano rebaixado, pequenas relíquias pétreas, similares às que preenchem os braços da cruz e o resplendor, circunscrevem o nicho.

Provenientes da Terra Santa, recolhidas em diversos locais sagrados,

<sup>1</sup> Atribuída pelos reis de Nápoles em 1333 que a tinham obtido do sultão do Egípto. É confirmada por Clemente VI em 1342 e exercida a partir do convento do Monte Sião até à sua expulsão em 1551, pelos turcos, passando para o Convento de São Salvador também em Jerusalém.

seriam-se traçando um percurso que as legendas vão decifrando: Santo Sepulcro, Monte Calvário, Sepulcro de S. José, S. João Batista, S. Nicodemos, .... Nas placas que preenchem a superfície lateral do nicho, sobrepujando a imagem de Cristo, surge no topo a Santíssima Trindade. Ladeiam-no S. José com o Menino, sustentando respetivamente o lírio e a cruz, e S. João Batista no lado oposto.

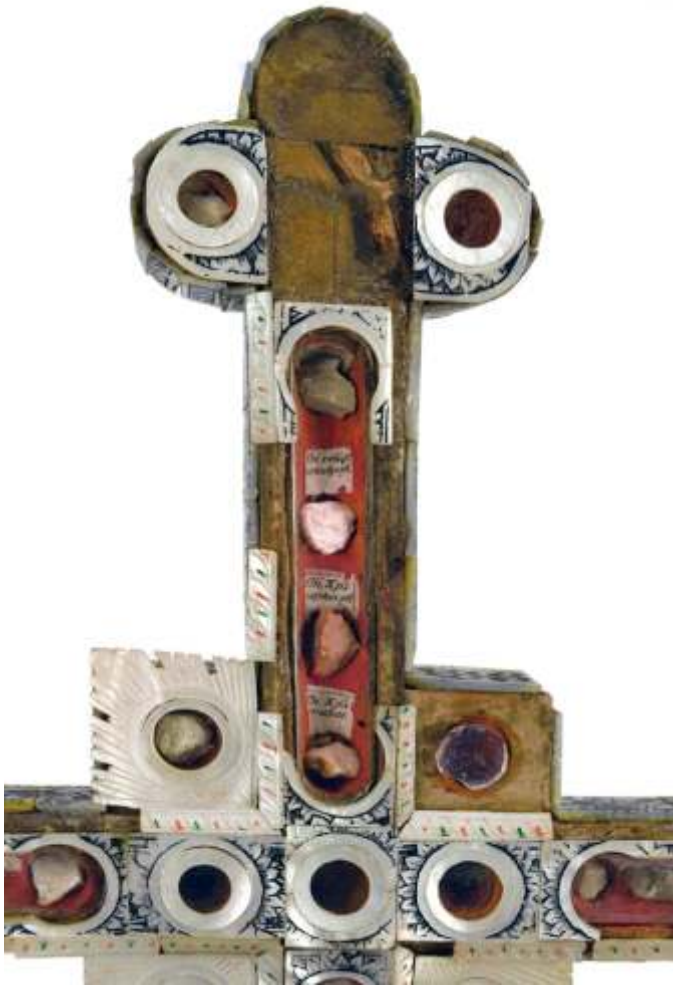
Na face posterior da cruz surge como elemento central a imagem da Assunção da Virgem Coroada, ladeada por querubins, flores e quadrifólios, aludindo à sua imaculada pureza. A seus pés a águia dominando a serpente. Em baixo, dois braços sobrepostos, o de Cristo, desnudo, e o de São Francisco, evidenciando a manga do hábito, sob estes ergue-se a cruz em afirmativa verticalidade. Aos Frades Menores, guardiães do Santo Sepulcro, coube a custódia dos lugares mais simbólicos Terra Santa<sup>1</sup>.

Nas faces laterais estão presentes imagens dos instrumentos do martírio de Cristo e a ele alusivos: os cravos, o cálice, o chicote...

Nos pés que apoiam a base, elemento de sustentação de toda a estrutura, remetendo ela própria para o papel e a simbologia de toda a Igreja, no elemento central, surge representada a Cruz de Jerusalém. Insignia do reino latino de Jerusalém (com duzentos anos de existência após a 1ª cruzada) adoptada pelos cruzados como símbolo da expansão da palavra de Cristo, representando a Cruz maior a lei do Antigo Testamento, as quatro menores o seu cumprimento no Evangelho de Cristo, as cinco a ideia das cinco chagas de Cristo.

## CONTEXTO | CULTO DAS RELÍQUIAS

Reportando-se aos primeiros séculos do Cristianismo, o culto das relíquias tem como elemento central a relíquia - *reliquiae* - restos mortais dos

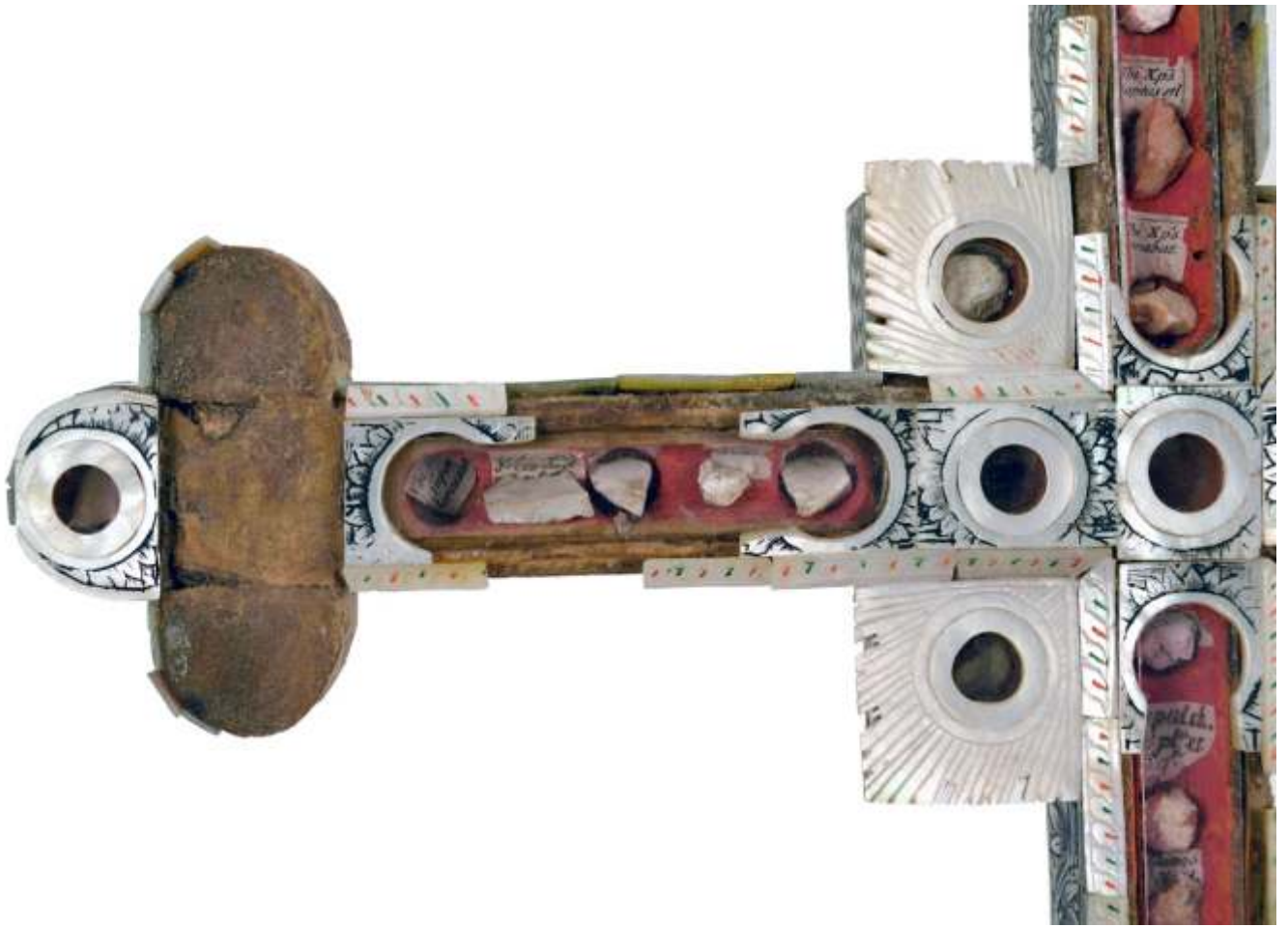


| 3 | Face frontal. Haste superior da Cruz e pormenor do resplendor. Reentrância longitudinal e reentrâncias circulares, receptáculos das relíquias pétreas.

| 4 | Haste inferior da cruz. Face frontal com reentrância longitudinal onde se alojam pequenas relíquias pétreas.

| 5 | Pormenor da haste inferior da cruz. Face frontal com reentrância longitudinal onde se alojam pequenas relíquias pétreas.





| 6 | Haste lateral esquerda da cruz. Face frontal.



| 7 | Haste lateral direita da cruz. Face frontal.

mártires e dos santos e sua veneração.

Como Cristo, que havia sido preso, condenado à morte e crucificado, também muitos dos seus seguidores ergueram a voz na defesa da sua mensagem, por ela foram perseguidos, torturados e mortos. O martírio de S. Paulo «o primeiro depois do único» marcará o início de um período em que o sofrimento se justifica e exalta, obedecendo a uma lógica de sacrifício em que a morte surge como uma ponte para a vida eterna, num estreito elo com o sacrifício redentor do Filho de Deus, feito homem.

Nas catacumbas praticava-se a fé, gravava-se a palavra na imagem que havia de corporizar a arte paleocristã numa iconografia profundamente simbólica, fazendo, frequentemente uso dos tradicionais ícones pagãos. Aqui se recolhiam e se veneravam os primeiros mártires.

Nos *martyria*, edificadas nos subúrbios das cidades depositavam-se os seus corpos e sobre o seu túmulo realizavam-se ágapes funerários.

Deste período, alimenta-se fértil literatura, que em interessantes narrativas, faz chegar até nós uma gesta de sangue<sup>2</sup>.

Em 313 o Édito de Milão do imperador Constantino<sup>3</sup> assegura a liberdade de culto para os cristãos.

Em 391, o imperador Teodósio declarava o Cristianismo a religião oficial do estado romano, proibindo os outros cultos, transformando assim o «império pagão» num «império cristão». *O mundo antigo já não tinha força para deter a revolução da cruz*<sup>4</sup>.

A queda do velho império transferirá para a Igreja o papel unificador do ocidente. Catedrais, mosteiros e pequenas igrejas povoavam o espaço, à volta do qual se agregava uma multidão de fiéis. A palavra e o gesto

<sup>2</sup> “A narrativa referente às perseguições constitui uma das páginas mais grandiosas da história do Cristianismo” - Rops, Daniel - *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. 2ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1960, p. 185.

<sup>3</sup> De registar o importante papel tido por Santa Helena, mãe do imperador Constantino, quer ao nível da afirmação do Cristianismo, quer da propagação do culto das relíquias.

<sup>4</sup> *Idem, ibidem*, p. 185.

<sup>5</sup> Já no Séc. VI o Papa S. Gregório Magno insiste no carácter didáctico das imagens.

ritualizavam-se, o espaço sacro construía-se numa perspetiva concetual, onde se materializava a doutrina<sup>5</sup>. Uma linguagem profundamente icónica, onde a imagem se assumia como o veículo de excelência da doutrina, penetrava profundamente nas convicções individuais e coletivas. As relíquias dos seus mártires, elementos materiais, visíveis e palpáveis da força da fé, sintetizavam a eficácia dessa pedagogia. As igrejas construía-se sobre o túmulo ou os seus restos mortais nessa proximidade vivida com Cristo e o sacramento da Eucaristia. No 5º Concílio de Cartago (401) estabeleceu-se que todas as igrejas deviam obrigatoriamente possuir relíquias nos seus altares, confirmando a importância das mesmas nos rituais litúrgicos. A crença no seu poder protetor e taumatúrgico é ilimitado. Aquele que tocasse ou venerasse os ossos de um mártir participava da sua graça e virtude. Pequenos fragmentos, objetos que com eles tenham estado em contacto, ou qualquer elemento material com eles relacionado, assumiam uma dimensão verdadeiramente mágica.

Os milagres recorrentes consubstanciavam essa particular intercessão de Deus que através deles se manifestava. Além do culto das relíquias dos mártires e santos, indissociáveis enquanto exemplos da fé e do ideal de conduta cristão a seguir, afirma-se o culto das relíquias carnis de Cristo. O seu sangue tinha-lhe gravado o rosto no véu e o corpo na túnica que o tinham coberto. Tinha enchido o cálice do Graal, demanda maior, intangível, de tantos cavaleiros de ontem e de hoje. Por contacto e analogia, todos os instrumentos da paixão se converteram também em preciosas relíquias, como os espinhos ou o madeiro da cruz.

A partir do achado do corpo de São Tiago em 813, será notável a afirmação e propagação do culto das relíquias, atingindo o seu auge nos finais da Idade Média, dando origem a grandes centros de peregrinação, como Jerusalém, Roma ou Santiago de Compostela.

Ao longo deste período urdir-se-ia um imaginário fabuloso com as vidas de



| 8 | Base da cruz.



| 9 | Pormenor da base. Nicho.

inúmeros santos e mártires, com particular relevância no peculiar contexto histórico peninsular, partilhado por cristão, judeus e muçulmanos. A ação dos cruzados, o combate à propagação das heresias, os movimentos evangelizadores, sobretudo no novo mundo, ou os confrontos decorrentes do movimento reformista do séc. XVI, foram terreno fértil, viveiros de mártires e por isso propiciadores do “mercado” de relíquias, por outro à expansão e incremento do culto das mesmas. Bispos e abades procuraram dotar as suas catedrais ou abadias destas insignes relíquias que atraíssem a piedade dos fiéis. Muitas vezes se recorria à sua circulação “*tournées de reliques*” como afirma Gimpel<sup>6</sup>, a fim de financiar ou concluir a sua construção. Para dar notoriedade e autenticidade aos milagres escreviam-se os “*Libelli*” e liam-se ao povo muitas vezes perante aqueles sobre quem tinha recaído o milagre.

<sup>6</sup> GIMPEL, J. - *Les batisseurs de Cathédrales*. Paris, 1980, p. 46.

Constituem-se grandes coleções (*lipsanotecas*, *estaurotecas*), para as quais o espaço sacro se adapta. Guardadas em criptas ou capelas radiantes, expostas em tabernáculos nas sacristias ou nas naves das igrejas, nos coros conventuais, ou em capelas relicário.

Foram também objeto de culto em espaço privado, de doação e oferta entre os reinos e os senhores, laicos e religiosos, particular expressão da devoção feminina, que no seu espaço íntimo possuía as suas capelas com os seus oratórios e os seus relicários com as mais poderosas e inesperadas relíquias. Martirológios, necrológios, legendários, revelações, paixões, vidas, calendários, tratados de milagres, multiplicam-se ao longo da Idade Média e Moderna. Quer no domínio público quer privado, alimentavam esta mentalidade pia.

Simultaneamente assiste-se ao incremento das falsificações e do seu comércio ilícito. Já em 386 o Imperador Teodósio (347-395) chamava à atenção para as prescrições em vigor relativas ao desmembramento dos corpos, cujo comércio se tinha tornado muito lucrativo. No século IX,

<sup>7</sup> BORROMEU, Carlos - *Instrucciones de la Fabrica y Del Ajuar Eclesiásticos*. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1985, p. IX-XXX. P.30-38.

<sup>8</sup> Participação no Concílio de Trento. Preparou um catecismo para o povo - catecismo ou Doutrina Cristã e práticas espirituais.

constitui-se em Roma uma associação consagrada à venda de relíquias. No Concílio de Latrão (1215) proíbe-se a veneração de objetos sem autorização.

Os Padres da Igreja convictos da importância e capacidade mobilizadora deste culto, esforçam-se por esclarecer o seu duplo caráter. A veneração destina-se à pessoa não ao objeto ou fragmento, e só tem lugar, na sua relação com Cristo.

Na XXV sessão do Concílio de Trento, de 3 Dezembro de 1556, afirma-se a importância das relíquias, postulando a legitimidade da sua veneração, ao mesmo tempo, que se exigia a sua avaliação e creditação.

Concílios, Constituições Sinodais e Livros de Visitas testemunham essa preocupação de fundamentar e estimular o culto, mas também de efetiva fiscalização do cumprimento das normativas estipuladas que asseguravam a sua autenticidade e boas práticas (manuseio, transladação, recetáculos e locais de guarda e exposição) e o legitimam.

Particular importância assumiu São Carlos Borromeu<sup>7</sup> (1538-1584) e São Bartolomeu dos Mártires<sup>8</sup> (1415-1590), este em contexto português.

Se coube aos bispos um importante papel na afirmação do culto das relíquias nas suas dioceses, esforçando-se por dotar as Sés episcopais de importantes e numerosas relíquias, menor papel não coube às ordens religiosas, que nos seus conventos e mosteiros reuniram extraordinárias coleções, como o testemunha a capela relicário do Mosteiro de Alcobaça, “Espelho do Céu” na expressão de Reynaldo dos Santos (1880-1970), ou as surpreendentes coleções presentes nos colégios jesuítas.

À volta destas agregava-se a comunidade de crentes, motivada e participativa, vivenciando cada minuto em receções, procissões,



| 10 | Face lateral esquerda da base.



| 11 | Faces laterais da haste central da cruz.



peregrinações e cerimoniais litúrgicos, deixando-se tocar por toda uma complexidade cénica de forte apelo aos sentidos. Ao brilho do ouro, das alfaias e paramentaria que uma luz coada desvendava, associava-se o cheiro do incenso e a melodia do canto, criando a atmosfera ideal para a descodificação da imagem e a interiorização da palavra.

A presença da relíquia, visível na sua materialidade e tão próxima, passível de ser tocada, tornava tangível essa dimensão etérea e sagrada de que o santo mártir fazia parte, comovendo pela visualização dos sinais do martírio, mostrando o exemplo a seguir, exaltando o sentimento piedoso e a fé no milagre que pela sua intercessão seria concedido.

A necessidade de proteger e preservar as relíquias, frágeis na sua natureza material e nobres na sua dignidade espiritual, levou à criação de extraordinários recipientes - os relicários, objetos de várias tipologias de acordo com a dignificação a dar à relíquia, a capacidade económica, os gostos dos ofertantes e as características dos materiais.

“A matéria corruptível do objecto destacava e acentuava a imaterialidade e o carácter sagrado do conteúdo, integrando-o num discurso teológico e visual que facultava a sua descodificação e estabelecia uma comunicação directa com os seus destinatários. (...) Ainda que a arca tivesse sido o objecto mais indicado para alojar os despojos sacros, numa clara evocação da Arca da Aliança, a prática foi anuindo com o povo que o volume e as formas concretas estabeleciam a ponte com uma realidade ontológica supra sensível, de forma mais rápida e eficaz.”<sup>9</sup>

Cofres, bustos, braços, cabeças, ostensórios, cruces, oratórios, âmbulas, pendentos ou placas encontravam-se nas formas mais frequentes. Surgiam também esculturas de vulto, estruturas de inspiração arquitectónica, colunas ou pirâmides, ou outras formas abstratizantes.

<sup>9</sup> RODRIGUES, Georgina Maria Rodrigues Pinto Pousa - *Coleção de Bustos Relicários do Museu do Abade de Baçal. Fragmentos da religiosidade contra-reformista*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras (2007).

Escolhiam-se materiais como o ouro, a prata e as pedras preciosas, ou o cristal, materiais que pelo seu carácter nobre e precioso se consideravam mais adequados. Todavia, generalizou-se o uso da madeira, material menos dispendioso e fácil de trabalhar. Madeiras exóticas ornadas de embutidos e incrustações de madrepérola ou marfim, nesse extraordinário registo de influências indo-portuguesas, madeira de nogueira ou o carvalho, ou exótica quando feitos no oriente, ricamente dourada, estofada, policromada, serviam de suporte à figuração de imagens normalmente associadas a um trabalho oficial de grande qualidade e que obedeciam a cânones iconográficos rigorosos, sobre os quais os clérigos exerciam apertada fiscalização, crivo através do qual passavam peculiares e interessantes regionalismos.

Todos os relicários deviam integrar a legenda que identificava a relíquia e o documento que testemunhava a sua autenticidade e certificação. Como a palma, símbolo genérico do martírio, nas imagens de vulto e nos bustos, associavam-se elementos iconográficos identificadores do santo mártir e do seu martírio - atributos que além de tornar mais fácil e célere a sua identificação, propiciavam uma imediata e maior empatia devocional, reforçando simultaneamente a sua ligação ao sagrado, a Deus e à Igreja.

Assim, estes objetos musealizados destituídos do espaço sacro e da sua função cultural de origem, redimensionam-se, reunindo em si uma pluralidade de leituras.

Objetos condicionados pelas características dos materiais que lhe dão forma, objetos artísticos, onde se plasma a qualidade técnica e criativa do autor e se afirma a sua dimensão estética, a sua funcionalidade, enquanto recetáculos, o seu valor simbólico enquanto guardiães da(s) relíquia(s), objetos culturais, mobilizadores dos mais profundos e ancestrais mecanismos cognitivos e afetivos do indivíduo. Elementos eivados de um significado onde o profano e o sagrado, o tangível e o transcendente se

cruzam, conferindo ao homem essa dimensão de intemporalidade e do eterno, sempre perseguida.

Veículos de acesso, identidade e partilha com o seu Criador.

Arquivos de memória, de conhecimento e de comunicação da e com a cultura e mentalidade de cada época.

Contextualizada neste universo esta cruz relicário remetendo-nos para a Terra Santa, de Belém a Jerusalém, lugares sagrados onde radica a génese do Cristianismo, concentram em si, simultaneamente os acontecimentos que consubstanciam a sua mensagem e os aproximam das vivências dos seus fiéis e dos seus dogmas, aceites e respeitados na sua transcendentalidade divina.

Lugares de excelência para peregrinos de todas as paragens, que de bastão e alforje aqui vêm pisar o chão que “conserva” as pegadas de Cristo, da Virgem, de santos e mártires, sentir a atmosfera de uma terra que lhe serviu de berço e de testemunho. Fonte inesgotável de relíquias, cuja “virtus” taumatúrgica, mágica, permitia através da sua intercessão a resolução de todos os males.

A porta para a remissão das faltas, a garantia da salvação.

A imagem lembra o Verbo, a Redenção e a Ressurreição.

A plêiade de relíquias, identificadas e legendadas, são a prova material, a marca do exemplo, o apelo ao exercício de uma conduta moral virtuosa e de defesa do ideal cristão.

Interessante sincretismo do corpus conceptual e doutrinal que fundamenta a Igreja e a sua praxis.

## HISTÓRIA DA PEÇA

Esta Cruz relicário integra o acervo do Museu de Lamego, instituição instalada em nobre edifício, outrora Paço Episcopal, expropriado no contexto da revolução republicana (Dec. N.º 2:588 de 16 de Agosto de 1916).

Em boa parte, as suas coleções constituem-se a partir de peças provenientes do próprio Paço, de conventos e igrejas da cidade e região e naturalmente da sua Sé, às quais se associam doações de particulares, que a partir de então e até à atualidade têm vindo a enriquecer o seu espólio.

No que concerne à peça em causa, presente no Inventário da Instituição, com o n.º 765, a informação existente sobre a sua origem e percurso é muito parca, registando-se apenas a sua transferência do Cabido da Sé de Lamego, em 1917.

Do espólio Documental do Museu fazem parte três documentos (Inv: 1001; 1002; 1003) que lhe estão associados. Também relativamente a estes a informação é diminuta e similar à peça tratada, referindo a sua proveniência do cabido da Sé, por transferência em 1917.

O doc. Inv. N.º 1001:

Manuscrito em latim datado de “ (...) die 17 Aug<sup>i</sup>. 1799”, redigido em no Mosteiro do Santíssimo Salvador em Jerusalém, assinado pela mão de “Fr Antoniuy [...]” e firmado com o selo maior da Terra Santa.

Nele se faz referência a uma “ (...) cruz feita em madeira de oliveira de Getsemani construída em três palmos de comprimento e enfeitada com muitas partículas dos lugares santos da nossa Redenção ...”

Universis, et singulis, visuris, Secturis, Legique pariter au-  
dituris fidem indubiam facio Ego infra scriptus Procure-  
rator Sancte Terre Sancte per presentes, Crucem hanc  
ex signo Olivarum Bethsemani, et Pastorum (necnon  
Porte Aure juxta opinionem comunem) efformatam, pal-  
marum trium circiter longitudinis, circumquaque con-  
chylis varii elaborato exornatam, et multis Sanctorum  
Locorum nostre Redemptionis locupletatam particulis,  
ut constat ex notis in ipsa Cruce existentibus. In quo-  
rum fidem has presentes dedi manu propria signa-  
tas, quas majori sigillo Procure Sancte Terre Sancte  
munivi.

Dat: Jerusalem in Conitu S<sup>m</sup>i Salvatoris die 17 Aug. 1799.

W. Antonius Vega  
pro Curia A. R. S.



O doc. Inv. N.º 1002:

Manuscrito em latim passado e assinado por “Frei Placidus (...) Alto comissário nas terras do Oriente, Guardiã do Santissimo Sepulcro de N.S.J.C. ... faço saber (...) que esta Cruz, feita de madeira, tem cerca de três palmos de comprimento, foi bem elaborada e adornada a toda a volta, completada com muitos lugares santos da nossa Redenção (...) para que façam fé nestas palavras, escritas pelo próprio punho, mandamos que sejam autenticadas com o nosso carimbo maior.”

22 [9bris] 1798 (...) S. Montis Sião” Fr. Félix [...] / Terra Sancta”.

A.mo P.S. Fr. Félix de Pádua (...)”

No corpo do documento descreve extenso rol de reliquias.

Apresenta interessante selo branco, ovalado com legenda:

" CONVENTVS MONTIS SION SIGILLVM GVARDIANI SACRI".

Campo cortado, apresenta no registo inferior interessante cena de lava pés e no superior cena da epifania.



| 12 | Documento Inv. N.º 1002 - Selo.

# FR. PLACIDUS A ROMA

Ord. Min. Seraph. S. P. N. Francisci. Almae Reſtæ  
Provinciæ Romanæ S. Theodori et Cœdes. Sacroſtæ Vaticanæ  
Basilicæ Penit. extraord. S. C. de Proprieta Fide Reſponſis,  
miſſi Egypti, et Cypri Praef. in partibus Orientis Commiſſarius  
Aplis. S. M. Sion, et S. Sepul. D. N. I. C. Bulard. Custos Torius J.  
Sanctæ, Viſitator, et umilis in Domino ſervus.

Universis, et ſingulis viſuris, ſecturis, ſeq̄ue pariter audituris ſic  
indubiam facimus per præſentes Crucem hanc ex ligno efforma-  
tam, palmorum trium circiter longitudinis, circumquaque con-  
ſilio varie elaborato exornatam, et multis Sanctorum loco-  
rum noſtræ Redemptionis ſocuplectam particulis, videlicet  
Ad Dextram.

1. Loci, ubi Chriſtus ligatus fuit, id est Olivæ  
Ad Sinistram.

2. Loci, ubi Pelatus dixit: Ecce Homo.

3. Pedis Evangelistæ in monte Calvario.

4. Loci, ubi Xp̄s reliquit 3 Apostolos.

5. Loci, ubi Xp̄s captus est.

6. Loci Bethſemani, ubi Xp̄s oravit.

7. Ligni Sanctiſſimæ Crucis.

8. Sepulchri S. Pauli, et Eustochiæ.

9. Domi S. Mariæ Magdalene.

10. Loci, ubi Xp̄s dixit: Simon dormis.

11. Loci, ubi Xp̄s reſuscitavit Lazarum.

12. Sepulchri S. Hieronymi.

13. Sepulchri S. Eusebii.

14. Sepulchri S. Innocentium.

15. Eccleſiæ Paſtorum.

16. Deserti S. Joannis Baptiſtæ.

17. Nativitatis ejuſdem.

18. Loci, ubi M. V. viſitavit Eliſabeth.

20. Annunciationis Marię.
21. Sepulchri S. Ioseph.
22. Domi S. Ioseph.
23. Sepulchri B. M. V.
24. Cryptę Bethlehem, ubi latuit B. M. V.
25. Nativitatis eiusdem.

*Ad dexteram.*

1. Loci, ubi Elias dormiebat.
2. Loci, ubi X<sup>us</sup> flevit super Ierusalem.
3. Loci, ubi Ap<sup>li</sup> composuerunt: Credo &
4. Loci, ubi X<sup>us</sup> dixit: Pater noster &
5. Loci, ubi X<sup>us</sup> ascendit in Cælum.
6. Sacri & Montis Sion.
7. Columnę flagellationis.
8. Ligni S<sup>mę</sup> Crucis.
9. Columnę Improperiorum.
10. Sepulchri Lazari.
11. Lapidis Bethaniz, ubi X<sup>us</sup> sedit.
12. Vestigii X<sup>i</sup> in Torrente Cedron.
13. Haceldanę.
14. Loci, ubi Ap<sup>li</sup> refugierunt cum X<sup>us</sup> ligatus fuit.

*Loc Splendoribus Lateris dexteri.*

1. Domi B. M. V. in Monte Sion.
2. Christi Presepis.
3. Sepulchri B. M. V.
4. Inventionis S<sup>mę</sup> Crucis.

*De Latere Sinistro.*

1. Christi Carceris.
2. Christi Sepulchri.
3. Loci, ubi S. Thomas recepit Anulum a B. M. V.
4. Loci, ubi Pilatus dixit: Ecce Homo, quise per  
 Nos benedictam. Dignissimam propterea q<sup>d</sup>  
 omnes

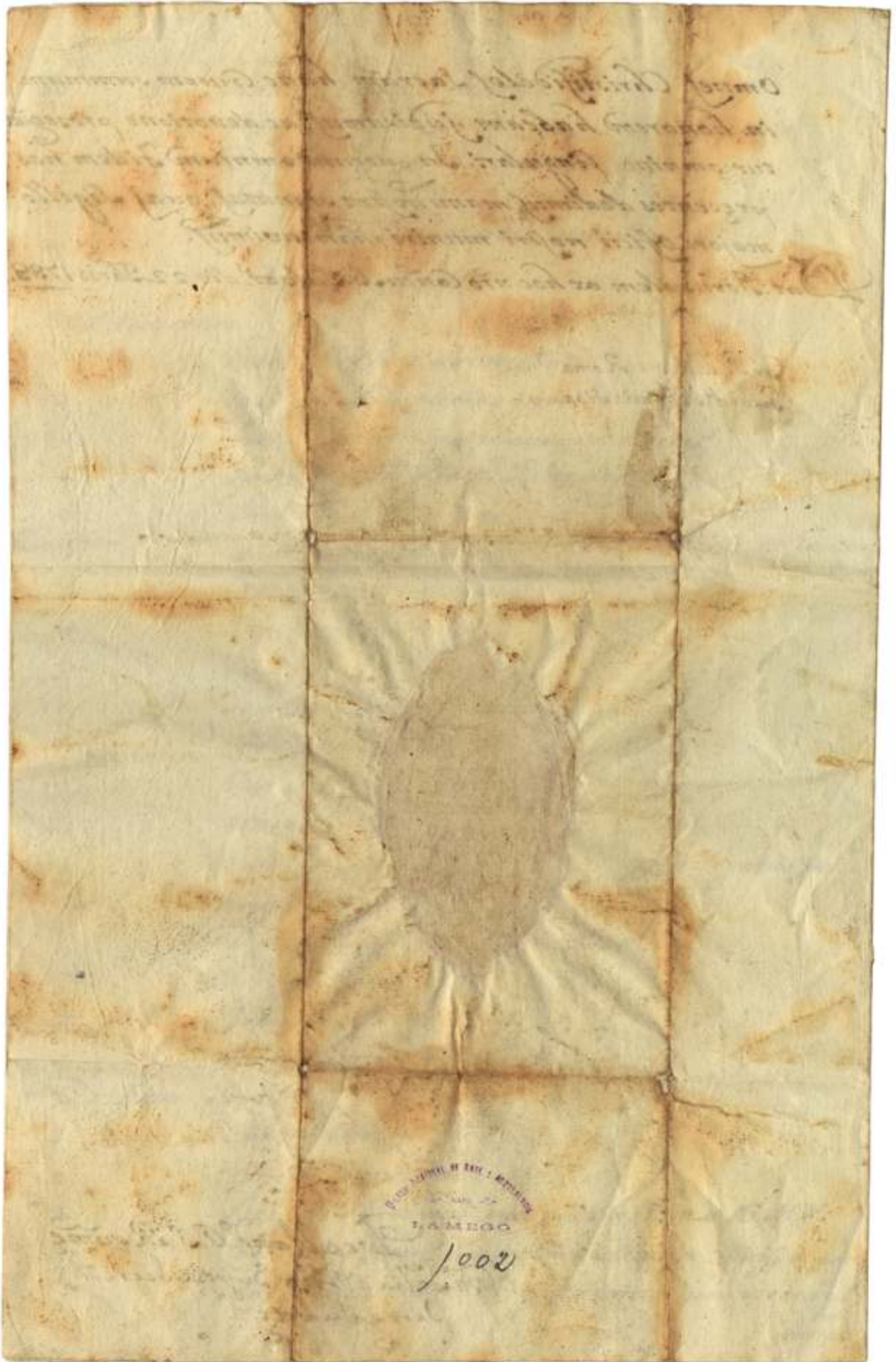
Omnes Christianifideles Sacram hanc Crucem summam  
in honorem habeant judicamus, ac devotione prosequan-  
tur omnino singulari. In quorum omnium Fidem has  
presentes dedimus manu nostra signatas, quas Sigillo  
majori Officii nostri muniri mandavimus.

Dat: Jerusalem ex hoc nro Conu. b. Salvat. die, 22 Ibris 1798.

Fr. Placidus a Roma  
Guard. S. Montis Sion.



Vic Mand. C. S. Rome  
Fr. Felix a Padio Buspone Secret.  
Serg. Sancto.



O doc. Inv. N.º 1003:

<sup>10</sup> Tradução dos documentos citados realizada pelo Padre Paulino Castro, a quem expressamos o nosso reconhecimento. Documentos em anexo.

Impresso e manuscrito em latim, "FRANCISCUS XAVERIUS PASSARI, DEI, ET APOSTOLICAE SEDIS GRATIA ... ARCHIEPISCOPUS LARISSENSIS. SSmi. Dñi Nostri, Domesticus Pontificio Solio Assistens, UTRIUSQUE SIGNATURAE REFERENDARIUS, ALMAEQUE URBIS VICESGERENS (...)" autêntica um conjunto de relíquias "do lenho da Santíssima Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos seus Santos Joaquim e Ana, Pais da Bem-aventurada Virgem Maria. Foram trazidas dos lugares autênticos, reconhecidas legitimamente e colocadas em recipiente decorado a ouro, de forma oval e (...) de raro cristal, bem fechado e atado com laço de cor vermelha. (...)"

Está assinado pelo Arcebispo Franciscus Xaverius Passari, Roma no dia 10 de Maio de 1797. Apresenta o selo e o respetivo brasão episcopal.

Os documentos citados<sup>10</sup>, indicadores de um indubitável interesse religioso, documental e histórico, não foram ainda suficientemente estudados, pelo que carecem de uma análise rigorosa e do necessário estudo comparativo, para que seja possível afirmar de forma cabal a sua relação com esta cruz relicário. Havendo à partida indicadores que parecem estabelecer uma estreita relação entre esta e os dois primeiros documentos, no que concerne à tipologia e características do relicário (cruz de madeira), ao tipo de relíquias e à proveniência das mesmas (Terra Santa). Já o mesmo se não pode afirmar relativamente ao terceiro documento, que claramente se reporta a outras relíquias (Santo Lenho, São Joaquim e Santa Ana) e a outro relicário.

Nesta breve abordagem, centramo-nos na peça, documento por excelência de si.

Do diálogo estabelecido várias questões ficaram sem respostas, várias dúvidas por esclarecer. Faltam-nos os códigos necessários para aceder ao seu percurso, aos lugares que percorreu, à dos que com a sua mestria a talharam, ou à daqueles que perante ela ajoelharam e elevaram as suas preces, ou ainda daqueles que a olharam e se interrogaram e através dela expandiram os seus horizontes.

Anotamos a importância da prossecução deste estudo, e o compromisso de aqui voltar.

FRANCISCUS

DEI, ET APOSTOLICÆ

ARCHIEPISCOPUS

SSm̄i Dñi Nostri Prælatus, Domesticus,

UTRIUSQUE SIGNATURÆ

ALMÆQUE URBIS



Niversis, & singulis præsentibus nostras literas inspectis, & omnipotentis Dei gloriam, Sanctorumque suorum.

*Reliquias ex Ligno Sme Crucis  
Joachim et Anne parentum.*

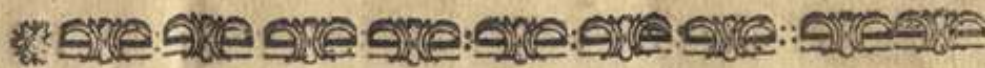
ex authenticis locis extractas legitimeque recognitas atque  
*forme orales unico Crystallo munita*  
bene clausa, & funiculo serieo coloris rubri colligat a  
se retinendi, aliis donandi, & in quacunque Ecclesia, Oratori  
collocandi. In quorum fidem has literas testimoniales nostra man  
strum Secretarium expediri mandavimus. Datum Romæ ex Ædib



*J. X. Andry...*

*Regt-738 Ricth-L. n. 8521-*

Gra



**XAVERIUS PASSARI**  
 S E D I S   G R A T I A  
**L A R I S S E N S I S,**  
 Pontificio Solio Assistens,  
 R E F E R E N D A R I U S,  
 V I C E S G E R E N S

uris fidem facimus, atque testamur, quod Nos ad majorem  
 venerationem dono dedimus, atque concessimus. *Sacras*

*Dni Nri Jesu Xpi et ex oib' bus S<sup>an</sup>ctis  
 Beatae Virginis Mariae*

*que repositas in Theca ex auniculo Decani*

, Sigilloque nostro signat a cum facultate illas apud  
 io, aut Cappella publicae Fidelium venerationi exponendi &  
 u subscriptas, nostroque Sigillo munitas per infra scriptum no-  
 us nostris hac die 10 Mensis *Maii* Anni 1797 =

*Luis Gu*

is ubique  
*Vincentius Crulani Ser. ius*



## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fortunato de - *História da Igreja em Portugal*. IV Vol. Porto: (Nova ed. Preparada e dirigida por Damião Peres) Portucalense Editora S.A.R.L.

BEIRANTE, Maria Ângela - Crenças, Mitos e Ritos. In *Esta é a Cabeça de São Pantaleão*, Catálogo. S/ed, Porto: Ed. Instituto Português de Museus, 2003. ISBN 972-776-183-6

BORROMEU, Carlos - *Instrucciones de la Fabrica y Del Ajuar Eclesiásticos*. 1ª ed. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1985. ISBN 968-837-051-7

DUBY, George - *História Artística da Europa - A Idade Média*, Quetzal editores, Lisboa, 1997.

LORENTE, Juan Francisco Esteban - *Tratado de Iconografia*. S/ed. Madrid: Istmo S.A., 2002. ISBN 84-7090-224-5

FONTANA, David - *El Lenguage de los Símbolos*. 1ª edição Barcelona: ed Blume, 2003. ISBN 84-8076-438-4

GIMPEL, J. - *Les batisseures de Cathédrales*. Paris, 1980.

HUYGUE, Rene - *Sentido e Destino da Arte*. Vol. I e II. S/ ed. Lisboa: Edições 70, 1986.

MARQUES, Francisco João - Os itinerários da santidade. Milagres, Relíquias e Devoções. In Azevedo, Carlos Moreira (dir.) - *História Religiosa de Portugal*. Tomo II. S/ ed. Rio de Mouro: Círculo de Leitores S.A. e Autores, 200. ISBN 972-42-2359-0

RODRIGUES, Georgina Maria Rodrigues Pinto Pousa - *Colecção de Bustos Relicários do Museu do Abade de Baçal. Fragmentos da religiosidade contra-reformista*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras (2007).

PLAZAOLA, Juan - *Historia del arte Cristiano*. Madrid: Biblioteca de Autores, 2001.

ROPS, Daniel - *A Igreja dos Apóstolos e dos Mártires*. 2ª ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1960.

Santo Inácio de Loyola, *Constituições da Companhia de Jesus*, VI parte. In FREITAS, Gustavo - *900 textos e Documentos de História*, Plátano Editora, 1975.

TEJADA, Luís Monreal y - *Iconografia del cristianismo*. S/ed. Barcelona: Quaderns Crema, S.A., 2000. ISBN 84-95359-28-6

TOURAULT, Philippe - *História Concisa da Igreja*, Publicações Europa América, Portugal, 1998.

WRIGHT, Jonathan - *Os Jesuitas*, Quetzal Editores, Lisboa, 2005.



# ANEXOS

**Padre Paulino Castro**  
Tradução dos documentos originais  
que integram o acervo documental  
do Museu de Lamego

## DOC. INV. Nº 1001

“Eu abaixo assinado, Procurador das gentes da Terra Santa, faço saber pelas presentes palavras, a todos e a cada um que as hão-de ver, ler e igualmente ouvir, que esta cruz foi feita de madeira das oliveiras de Getsemani, e segundo a opinião comum dos pastores (ministros e também do juiz da Porta Áurea) construída com cerca de três palmos de comprimento e enfeitada com muitas partículas dos lugares santos da nossa Redenção, como consta das provas existentes na própria Cruz. Para autenticar estas coisas entreguei-as assinadas pela própria mão e carimbei com o carimbo maior da Terra Santa.

Dado em Jerusalém, no nascimento do Santíssimo Salvador, dia 17 de Agosto de 1799.

[...]”

## DOC. INV. Nº 1002

Frei Plácido de Roma, da Ordem dos Frades Menores do nosso Padre S. Francisco, alma da restauração da Província Romana, professor de Teologia, Penitenciário extraordinário da Sagrada Basílica do Vaticano, responsável pela Sagrada Congregação da Propaganda da Fé, Prefeito nas missões da Egipto e Cypre, Alto Comissário nas terras do Oriente,

Guardião do Santíssimo Sepulcro de N.S.J.C. , Guarda de todos os lugares santos, Visitador e servo humilde do Senhor.

A todos e a cada um dos que hão-de ver, ler e igualmente ouvir, faço saber pelas presentes palavras que esta Cruz, feita de madeira, tem cerca de três palmos de comprimento, foi bem elaborada e adornada a toda a volta, completada com muitos dos lugares santos da nossa Redenção

Por exemplo, do lado esquerdo:

1. Lugar onde Cristo foi preso, no Jardim das Oliveiras.
2. Lugar onde Pilatos disse: Eis o Homem.
3. João Evangelista no Monte Calvário.
4. Lugar onde Cristo estava com os Apóstolos.
5. Lugar onde Cristo foi capturado.
6. Lugar do Getsemani onde Cristo orava.
7. Cruz Santíssima da crucifixão.
8. Sepulcros de S. Paulo e Eustóquio
10. Casa de Santa Maria Madalena
12. Lugar onde Cristo ressuscitou Lázaro.
13. Sepulcro de S. Jerónimo.
14. Sepulcro de Santo Eusébio.
15. Sepulcro dos Santos Inocentes.
16. Igrejas dos Pastores.
17. Deserto de S. João Batista.
18. Da sua Natividade.
19. Lugar onde Maria visitou Isabel.
20. A Anunciação de Maria.
21. Sepulcro de S. José.
22. Casa de S. José.
23. Sepulcro da B. Virgem Maria.
24. Cripta de Belém onde se recolheu a B.V.M.

25. A própria Natividade.

#### À DIREITA

1. Lugar onde Elias dormia.
2. Lugar onde Cristo chorou sobre Jerusalém.
3. Lugar onde os Apóstolos testemunharam sua fé.
4. Lugar onde Cristo ensinou o Pai Nosso.
5. Lugar onde Cristo subiu ao Céu.
6. O sagrado Monte de Sião.
7. A coluna da Flagelação.
8. O lenho sagrado da Cruz.
9. Lista dos improperios
10. Sepulcro de Lázaro.
11. Pedra Berl. Onde Cristo se sentou.
12. Vestígios sagrados da Torrente de Cedrom.
13. Haceldame?
14. Lugar donde os Apóstolos fugiram quando Cristo foi ligado.

#### Lugares importante - lado direito

1. Casa da B.V.M. no Monte Sião.
2. Presépio de Cristo.
3. Sepulcro da B.V.M.
4. A descoberta da Santíssim

#### Lado Esquerdo

1. A Prisão de Cristo.
2. O Sepulcro de Cristo.
3. Lugar onde S. Tomás recebe a faixa da B.V.M.
4. Lugar onde Pilatos disse: Eis o Homem. Por essa razão é, para vtodos, um lugar muito

digno. a Cruz

“Aconselhamos a todos os cristãos que tenham em grande veneração esta Sagrada Cruz, e uma devoção muito particular. Para que façam fé nestas palavras, escritas pelo próprio punho, mandamos que sejam autenticadas com o nosso carimbo maior.

Frei Plácido de Roma  
Guardião do Monte Santo de Sião”

(Na parte inferior do carimbo)

“A mandado do Rev.mo P.S. Fr. Félix de Pádua  
Guarda dos lugares santos da Terra Santa”

Selo branco do Guardiã.

“CARIMBO SAGRADO DO GUARDIÃO /  
CONVENTO DO MONTE SIÃO”

## DOC. INV. N° 1003

“FRANCISCO XAVIER PASSARI, ARCEBISPO DE LARISSA, POR GRAÇA DE DEUS E DA SÉ APOSTÓLICA, PRELADO DOMÉSTICO DE SUA SANTIDADE, ASSISTENTE AO SÓLIO PONTIFÍCIO, DESTINATÁRIO DE UMA E OUTRA ASSINATURA, VICE ADMINISTRADOR DA VENERÁVEL CIDADE”

A todos e cada um dos presentes fazemos fé nas palavras que dirigimos, e testemunhamos que nós, para maior glória de Deus Onipotente e seus Santos, damos e propomos à veneração as sagradas relíquias do lenho da Santíssima Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo e dos seus Santos Joaquim e Ana, Pais da Bem-aventurada Virgem Maria.

Foram trazidas dos lugares autênticos, reconhecidas legitimamente e colocadas em

recipiente decorado a ouro, de forma oval e munido de raro cristal, bem fechado e atado com laço de cor vermelha. Autenticadas com o nossa assinatura, com a faculdade de as conservar junto de si, de as dar a outros, e colocar em qualquer Igreja, Oratório ou Capela Pública, e expor à veneração dos fiéis. Para fazer fé nestes testemunhos, escritos por mão própria, mandamos ao nosso secretário que sejam confirmadas com o nosso carimbo.

Dado em Roma, na nossa residência, no dia 10, do mês de Maio, ano 1797

O sempre agradecido





